

PPGfil
Programa de
Pós-Graduação em
Filosofia

FAELCH
Faculdade de
**Filosofia, Ciências Humanas,
Educação e Letras**



V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

**Programação
Caderno de Resumos**

**Lavras,
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

**V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA
UFLA**

Comissão Organizadora:

Prof. Dr. Emanuele Tredanaro (coordenador)

André Luís de Oliveira Garcia

Edson Ferreira da Silva

Marco Túlio Botelho Barbosa Lima

Vinícius Guimarães Dias Francisco

LAVRAS,

2023

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA
De 7 a 10 de novembro de 2023

Programação

7/11	8/11	9/11	10/11
	14h - Mesa redonda PIBID - PPGFil <i>O mestre ignorante, a filosofia na escola</i>	14h - Prof. Dr. Newton Marques Peron (UFFS) <i>O Argumento de Kripke contra a teoria da identidade mente-cérebro</i>	14h - Prof. Dr. Newton Marques Peron (UFFS) <i>O Argumento de Kripke contra a teoria da identidade mente-cérebro</i>
	16h - Mesa 1 <i>Em busca do sujeito</i>	17h - Mesa 3 <i>Lógica, ontologia, metafísica</i>	17h - Mesa 5 <i>Norte-Sul, Idas e voltas</i>
20h - Prof. Dr. Luiz Paulo Rouanet (UFSJ) <i>O Iluminismo e seus limites</i>	20h - Mesa 2 <i>Em busca do mundo</i>	20h - Mesa 4 <i>Ética, política, economia</i>	20h - Profa. Dra. Nathalie Bressiani (UFABC) <i>Crítica do capitalismo em Nancy Fraser: ontem e hoje</i>

Composição das Mesas

Mesa 1: Em busca do sujeito

A ilegitimidade do conceito de inconsciente em Sartre - Fábio da Silva Santos
(Mestre pela UFLA)

O cuidado de si em Michel Foucault - André Luís de Oliveira Garcia (Mestrando
pela UFLA)

*Diferenças entre o pensamento de Sigmund Freud e Jacques Lacan: Motivos
para a mudança no conceito de desejo* - Ariany Andriolo Pedroso (Mestranda
pela UFLA)

Federici contra Foucault: notas sobre a subjetivação da mulher moderna - Livia
Pereira Salgado (Mestranda pela UFSCar)

Mesa 2: Em busca do mundo

Sobre o paradoxo da ordem no De ordine, de Agostinho de Hipona - André
Salatiel dos Santos (Mestrando pela UFLA)

Sobre a natureza do tempo no livro XI das Confissões de Agostinho - Douglas
Resende da Silva (Mestrando pela UFLA)

Para além dos fantasmas: conhecimento profético em Tomás de Aquino - Lincoln
Antônio Corrêa Botelho (Mestrando pela UFLA)

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Mesa 3: Lógica, ontologia, metafísica

A noção aristotélica de ousia - Ana Gabriela Vilhena de Mello Santos (Mestranda pela USP)

O Tractatus e a sua “aplicação da lógica” - André Luiz de Souza (Mestrando pela UFLA)

Kant e a concepção de sistema na “Arquitetônica da razão pura” - Edson Ferreira da Silva (Mestrando pela UFLA)

4

Mesa 4: Ética, política, economia

Filosofia e Economia em Adam Smith - Bruno Finamor Andrade de Oliveira (Mestrando pela UFLA)

Governo representativo e governo totalitário: discrepâncias e a semelhança da opressão minoritária - Giovana de Oliveira Penha Alves (Mestranda pela UFLA)

Reformulação do conceito de liberdade em Thomas Hobbes segundo Quentin Skinner - Luana Mirela Aparecida Machado (Mestranda pela UFLA)

Mesa 5: Norte - Sul, idas e voltas

Relação entre natureza e humanidade em Walter Benjamin e Ailton Krenak - Patrícia Braz de Carvalho (Doutoranda pela UNIFESP)

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA
De 7 a 10 de novembro de 2023

Justiça transnacional no Sul Global: uma análise crítica sobre a obra da filósofa Nancy Fraser - Amanda Caroline Vieira Costa (Mestranda pela UFLA)

Quem teme os "incompetentes"? A epistocracia dos "competentes" de Jason Brennan diante da defesa do sufrágio universal por Carlos Nelson Coutinho, Marilena Chauí e Paulo Freire - Marco Túlio Botelho Barbosa Lima (Mestrando pela UFLA)

Resumos

Mesa 1: Em busca do sujeito

A ilegitimidade do conceito de inconsciente em Sartre - Fábio da Silva Santos

A apresentação propõe analisar a crítica do filósofo francês Jean Paul-Sartre ao conceito de inconsciente em “O Ser e o Nada”, capítulo II. O alemão Sigmund Freud durante as suas investigações sobre a histeria aponta a existência de um aparelho psíquico, regido por leis próprias e atemporal, o qual chama de inconsciente. Os sintomas como ato falho, esquecimentos, perda de visão repentina e a paralisia muscular são efeitos de vivências, desejos e representações recalçados no inconsciente. Sartre recusa a concepção de uma região da personalidade humana que o sujeito não tenha domínio e consciência. Aos olhos do francês a divisão do aparelho psíquico em id e ego não passa da tentativa de Freud em explicar a má-fé, a qual difere da mentira. A relação entre aquele que mente e a quem se mente não coloca em risco a translucidez da consciência, o mentiroso fica a par da verdade de quem oculta. A má-fé trata-se de um projeto solitário da consciência de fugir do que se é, mas destinado ao fracasso devido a total transparência da consciência para si mesma. A consciência expulsa todas coisas do seu campo de imanência, ela se porta como um movimento intencional em direção às coisas, não como um receptáculo de representações, sentimentos e apetites sexuais. O conceito de resistência para Sartre deve ser entendido como a má-fé, onde Freud substituiu a noção de enganador e enganado pela noção de id e ego na unidade do aparelho psíquico. A introdução do inconsciente rompe com a estrutura da consciência colocando em xeque as intencionalidades de escolhas e ações numa tentativa de mascarar a liberdade. Freud retirou a total responsabilidade do sujeito, segundo Sartre, pelos seus atos, emoções, personalidades, em ser totalmente consciente e livre.

Palavras-chave: Sartre; Freud; Má-fé; Consciência; Inconsciente.

O cuidado de si em Michel Foucault - André Luís de Oliveira Garcia

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFPA

De 7 a 10 de novembro de 2023

O cuidado de si é uma frase utilizada por Michel Foucault em seus estudos sobre a relação consigo mesmo, entre o sujeito e a verdade, entre o sujeito e os outros, demonstrando a forma como os indivíduos se relacionam consigo mesmo e com os outros. Sendo um exercício ético, que considera o discurso e modo da composição de si. Para Foucault, as práticas de si foram se transformando numa cultura do cuidado de si, mudando com os anos. Realizar uma história dessa prática é também fazer uma história da subjetividade, da forma como a pessoa lida consigo mesma e se relaciona com outra pessoa, passando pelo modo de procedimento, do fator espiritual e da forma de existência. Diante desse aspecto, o estudo teve como objetivo analisar o conceito de 'cuidado de si' em Michel Foucault, bem como, as suas origens, desenvolvimento, influências filosóficas e implicações teóricas. A metodologia usada foi a pesquisa qualitativa, do tipo revisão de literatura, com uma abordagem descritiva. Nota-se que, Michel Foucault, com o estudo do princípio do cuidado de si, busca aprimorar seu esboço filosófico na esfera dos sistemas de pensamento, baseada na relação de subjetividade constituída entre sujeito e verdade.

Palavras-chave: Cuidado de si; Foucault; Subjetividade.

Diferenças entre o pensamento de Sigmund Freud e Jacques Lacan: Motivos para a mudança no conceito de desejo - Ariany Andriolo Pedroso

O projeto de pesquisa possui como objetivo evidenciar alguns pontos da psicanálise de Freud e Lacan para a análise do desejo, uma peça-chave para o funcionamento do psíquico e para a compreensão do sujeito como único. Foi realizada uma revisão da literatura relacionada às teorias de Freud e Lacan sobre o desejo, o inconsciente e o sujeito na psicanálise. Isso inclui a análise de algumas obras de ambos os psicanalistas, seminários e textos relevantes. Em seguida, houve a comparação e destaque das principais diferenças entre as abordagens de Freud e Lacan em relação às instâncias psíquicas principais. Ao longo do trabalho, a elaboração do desejo na primeira tópica freudiana é explicitada, o que leva à noção de inconsciente, mostrado por Freud, sendo tudo

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

aquilo que não se encontra na consciência, ou seja, o conteúdo recalçado mas que não é excluído. Ainda no seguimento para a definição de desejo, Freud, na primeira teoria do aparelho psíquico, estabelece a primeira experiência de satisfação, na qual um objeto é responsável pela eliminação de energia acumulada, melhor dizendo, é responsável pela satisfação. O desejo busca reviver essa primeira experiência de satisfação, ele é, segundo Freud, a capacidade de investir, de impulsionar para reviver a experiência de alívio. Diante dessa informação, percebe-se que o psíquico é o meio para que o desejo seja realizado e o sonho é, segundo Freud, um espaço para que os desejos inconscientes, que estão sempre ativos, alcancem a consciência, assim como ocorre nas neuroses. Sequencialmente, os desdobramentos da psicanálise Lacaniana são posicionados, através de alguns recortes de seus seminários e textos, nos quais Lacan apresenta uma nova perspectiva sobre o inconsciente e trabalha sobre o conceito de sujeito, temas fundamentais para compreender o desejo. O inconsciente para Lacan se estrutura conforme a linguagem, pois ele corresponde às formas simbólicas, dos significantes e do significado. O sujeito do inconsciente se encontra como um intervalo no discurso do inconsciente, um furo na linguagem. Nesse contexto, Lacan apresenta um sujeito como uma falta e um sujeito que existe através do Outro, pois o sujeito existe onde há linguagem, onde há o discurso do Outro. O desejo, sem mais, é uma indeterminação negativa, ou seja, não possui objeto ou demanda e é através do desejo que o sujeito atinge o seu ser. O desejo não seria um objeto ou uma lembrança de satisfação, mas sim uma instância que se inscreve incessantemente, na medida em que busca a resposta de um Outro que não existe, que não responde. Diante da nova perspectiva de inconsciente e da inserção de novos elementos psíquicos, a equiparação entre a conceituação de desejo em Freud e Lacan fornece elementos para que se perceba uma nova perspectiva e sugestão de compreensão mais complexa para o componente psíquico que é o desejo na psicanálise lacaniana.

Palavras-chave: Desejo; Inconsciente; Linguagem; Sujeito.

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Federici contra Foucault: notas sobre a subjetivação da mulher moderna - Livia Pereira Salgado

Trata-se de examinar os significados históricos-concretos do corpo feminino no nascimento do capitalismo a partir do fenômeno de caça às bruxas nos séculos XVI e XVII, isto é, revisitar o nascimento do capitalismo para compreender de que modo a dominação e a fabricação da mulher moderna se arquitetou no interior dos processos de exploração à luz das considerações de Silvia Federici e o diálogo crítico que estabelece com Michel Foucault. Para escancarar a articulação profunda entre capitalismo e patriarcado, Federici envereda por três eixos: o feminista, o foucaultiano e o marxista. Políticas e tecnologias de adestramento do corpo da mulher pela via repressiva são, para Federici, elementos fundamentais para a fabricação da categoria mulher moderna que atenda às intenções e necessidades do modo de produção em ascensão: a divisão sexual do trabalho, a destruição do status social da mulher, disciplinamento próprio de seus corpos compreendidos em sua dimensão reprodutiva são exemplos levantados. Como dito, a posição da autora abre um campo de crítica à genealogia proposta por Foucault, uma vez que o acusa de omitir a especificidade do processo de disciplinamento do corpo feminino e, por conseguinte, reforça o caráter destrutivo do poder. Na esteira da crítica federiciana, queremos averiguar em Foucault o tema de uma violência instauradora da biopolítica de tipo específico que se investe no corpo das mulheres, ou seja, de pensar o problema da soberania e biopolítica como gestão de morte e violência racionalizada do corpo feminino no processo de subjetivação da mulher moderna.

Palavras-chave: Caça às bruxas; Mulher moderna; Capitalismo; Federici; Foucault.

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Mesa 2: Em busca do mundo

Sobre o paradoxo da ordem no De ordine, de Agostinho de Hipona - André Salatiel dos Santos

No âmbito das análises que obra Diálogo sobre a ordem de Agostinho de Hipona nos permitem, encontramos algumas tentativas dos interlocutores Agostinho, Trigécio, Licêncio, Alípio e Mônica em elucidar a problemática questão acerca do paradoxo da ordem. Tal problema surge com o esforço dos mesmos em afirmar a existência de uma organização racional no universo, sem que deixassem de perpassar pela problemática questão da existência do mal neste mesmo mundo ordenado. Nessa medida, a argumentação presente na obra realiza uma abordagem criacionista dos entes, pois Agostinho concebe a ordem como sendo o modo pelo qual todas as coisas do mundo foram criadas de maneira hierarquicamente organizadas, obedecendo não a força do acaso, mas uma relação logicamente perfeita e ordenada por Deus. Porquanto, uma vez que a ordem está diretamente relacionada ao bem e a perfeição, ela é o próprio bem. É exatamente por meio dessa compreensão que o paradoxo será estabelecido, pois a ordem sendo um princípio regulador de todos os eventos do cosmos, não há nada que não esteja contido nela (ordem). Ora, se não há nada que não esteva contido na ordem, como explicar a existência de algo que seja contrário a ela, isto é, qual a explicação para a desordem entendida também como sendo o mal? Estaria o mal contido na ordem? Dado esse pressuposto, poder-se-ia estabelecer duas objeções paralelas primordiais: Ou o mal estaria contido na ordem e ela não seria um bem e desse modo, nem tudo que Deus criou seria necessariamente um bem ou então caso a resposta seja uma negativa, logo teríamos que afirmar que existem algo fora da ordem, o que acaba por refutar a argumentação de que a ordem é o modo pelo qual Deus cria todas as coisas (o todo/universal). Essas questões são crucias para a filosofia agostiniana de tal modo que aparecerá em outras obras posteriores ao De ordine.

Palavras-chave: Ordem; Desordem (mal); Agostinho.

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Sobre a natureza do tempo no livro XI das Confissões de Agostinho - Douglas Resende da Silva

No livro XI da obra Confissões, especificamente, no capítulo x, parágrafo 12, Agostinho introduz uma questão feita a ele pelos “céticos”: “Que fazia Deus, antes de criar o céu e a terra?”. Para responder a esta pergunta, Agostinho terá que fazer e investigar outra questão, a saber: “(...) o que é o tempo?”. O tempo parece ser cotidiano, familiar e um assunto bastante corriqueiro. Contudo, Agostinho se vê arrevesado ao tentar definir o tempo. O tempo não é tão simples quanto parece ser. O tempo é o que a cada vez deixa de ser, a todo instante o tempo está passando, se esvaindo. O tic tac do relógio mecanicamente expressa, com suas batidas, que o tempo não para e que ele está sempre passando. Em outras palavras, "como um rio que flui", que "em sua passagem aparentemente tudo leva". O tempo, neste sentido, parece ser movimento, estar em constante mudança. Mas, será que o tempo é isso mesmo? Pois, se o tempo for isso mesmo, como podemos compreender e apreender o tempo? Como conhecer o tempo em sua aparente transitoriedade e mutabilidade? Como conhecer o que aparentemente não é estável? O passado está morto, ele já não é? O futuro é especulação, ele ainda não é? E o presente existe ou está a cada instante deixando de ser? O que é o ser do tempo? E como falar em ser, se o tempo tende a não ser? O tempo é uma criatura? Onde está o tempo? Nas batidas do relógio? Mas, como situá-lo no relógio, nas batidas do relógio, se o relógio pode parar de bater e o tempo ainda continuar existindo, passando? Qual a natureza do tempo? No livro XI, Agostinho investiga a natureza ontológica do tempo ou psicológica? Ou ambas? Por que em meados do livro XI, Agostinho passa a investigar o tempo? Nosso objetivo, nesta comunicação, é contextualizar no livro XI, das Confissões o problema do tempo, bem como investigar a sua natureza.

Palavras-chave: Alma; Criação; Eternidade; Princípio; Tempo.

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Para além dos fantasmas: conhecimento profético em Tomás de Aquino - Lincoln Antônio Corrêa Botelho

O objetivo de nosso estudo é investigar o conhecimento profético na filosofia de Tomás de Aquino a partir de sua teoria do conhecimento. As questões 84-89 da Primeira Parte da Suma Teológica de Tomás de Aquino são bem conhecidas por apresentarem uma rica síntese de sua perspectiva acerca do conhecimento humano. Uma das teses defendidas neste corpo de questões é a de que o intelecto humano, no presente estado de vida, só pode inteligir voltando-se para os fantasmas. A "convertio ad phantasmata" é, para Tomás, o pressuposto necessário para todo conhecimento humano. Esta relação necessária e constante entre intelecto e imaginação estabelece, desde sua raiz, as alturas a que o conhecimento humano pode chegar. De Deus e das substâncias imateriais em geral não temos fantasmas, e, portanto, conhecemos antes o que eles não são, do que aquilo que propriamente são, e isto marca o caráter negativo em Tomás do conhecimento natural das coisas superiores à alma intelectiva. Para além do conhecimento natural, no entanto, há todo um espectro de conhecimentos que nublam e tornam mais complexa tal relação: "Conheço o terceiro céu" afirma o Apóstolo (2Cor 12,2). Tal regime de conhecimentos e suas consequências constituem nosso objeto de estudo. Pela leitura do tratado da profecia e do rapto, na "Secunda Secundae" da Suma Teológica, a partir dos conceitos de sua teoria do conhecimento, tal como apresentados na "Prima Pars", pretendemos investigar aquilo que ultrapassa os limites naturais do conhecimento humano na filosofia de Tomás de Aquino. Nossa suspeita geral é a de que nessa investigação, ao iluminarmos, com sua teoria do conhecimento, o caso particular do conhecimento profético, este, por sua vez, iluminará aspectos interessantes daquele e trará importantes elementos para se pensar a relação sensível-inteligível. Trata-se, portanto, em suma, de fazer refletir entre si dois âmbitos de tratamento do conhecimento humano, um geral e um específico, que esclarecer-se-iam mutuamente.

Palavras-chave: *convertio ad phantasmata*; Fantasmas; Conhecimento; Profecia; Rapto.

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Mesa 3: Lógica, ontologia, metafísica

A noção aristotélica de ousia - Ana Gabriela Vilhena de Mello Santos

Este trabalho investiga o termo οὐσία nas obras *Metafísica* e *Categorias* de Aristóteles, analisando os significados deste termo a partir de recortes específicos das obras de modo a analisar a teoria da substância (ousiologia) de Aristóteles. Visto que a noção de οὐσία ocupa o centro da ontologia de Aristóteles e corresponde de modo mais verdadeiro ao que é propriamente um ser (Met. Z1 1028a30-31), é necessário analisar as inúmeras dificuldades que sombreiam este termo para compreender o que é a noção aristotélica de οὐσία. Sendo assim, esta investigação se ocupará de investigar os modos pelos quais a “substância” se apresenta em *Categorias* 5 e em *Metafísica* Z de modo a apresentar as dificuldades que envolvem o termo οὐσία e também ressaltar como essas dificuldades se multiplicam nas diferentes análises da ocorrência do termo. E para melhor esclarecimento desta investigação, sobre os sentidos da substância apresentados por Aristóteles, é feita uma análise da aparição da οὐσία em dois momentos, a saber, na Parte I é discutido a doutrina da substância das *Categorias*, cuja realidade sensível encontra-se em torno dos particulares concretos (Cat. 5 2b11-14) e nesta primeira parte é discutido a problemática da relação entre οὐσία e ὑποκείμενον em Cat. 5 2b15-21 e 2b37-3a6, e depois em Cat. 5 4a10-11 é apresentado o problema do predicável próprio da substância. E em continuidade, num segundo momento, é visto na Parte II como o termo οὐσία é apresentado em *Metafísica* Z, visto que o livro Z incorpora na discussão de substância sensível as noções de matéria e forma, desse modo os particulares concretos que eram tratados nas *Categorias* como itens básicos, passam a ser compreendidos como compostos de matéria e forma. E também, nesta segunda parte, é apresentado a proximidade do início de Met. Z com as *Categorias*, mas, apesar de sua proximidade, é ressaltado a ruptura entre obras na continuação dos capítulos do livro Z, os quais utilizamos para análise da noção de sujeito último (ὑποκείμενον) que atua como fio condutor entre as obras, e através dele podemos apresentar o critério de substancialidade e o problema da forma como universal e como particular. Por fim, na comparação entre

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

passagens será possível ver como a substância se apresenta na discussão lógica e na discussão metafísica na filosofia de Aristóteles e como a dificuldade dessa noção foi tratada entre os pesquisadores.

Palavras-chave: Ousiologia; Substância; Aristóteles; Metafísica; Categorias.

O Tractatus e a sua “aplicação da lógica” - André Luiz de Souza

Falar em objetos de um mesmo tipo lógico tem a ver com o que? Com a lógica ou com a aplicação da lógica? Em 5.557, lê-se: “A aplicação da lógica decide a respeito de quais proposições elementares existem. O que vem com a aplicação, a lógica não pode antecipar. Isto é claro: a lógica não pode colidir com sua aplicação.”, o que pode querer dizer que só descobriremos de quantos tipos objetos simples são, por exemplo, depois, com a aplicação da lógica. Dizer quantos são é algo diferente de dizer de quantos tipos são? Ou dizer de quantos tipos são é o mesmo que dizer quantos existem? Ora, estamos falando da própria substância do mundo. Se tivermos em vista 2.0233, 5.557 parece permitir-nos pensar algo de caráter essencial “depois” da lógica, com a sua aplicação. Este trabalho pretende urdir algumas interpretações sobre esse tópico.

Palavras-chave: Lógica; Aplicação da lógica; Tractatus; Wittgenstein.

Kant e a concepção de sistema na “Arquitetônica da razão pura” - Edson Ferreira da Silva

Dentro do projeto kantiano, conforme empreendido na obra “Crítica da Razão Pura”, de colocar a metafísica no caminho seguro da ciência, Kant adota a forma sistemática como um dos critérios essenciais para conferir cientificidade à metafísica. Assim, o filósofo sustenta que, para esse objetivo, é preciso que a metafísica seja uma unidade sistemática. O propósito da presente pesquisa é analisar detalhadamente a abordagem adotada por Kant em relação à

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

concepção de sistema dentro da “Arquitetônica da Razão Pura”, capítulo da “Crítica da razão pura” dedicado ao tema. Na elaboração de sua concepção de sistema, Kant utiliza uma série de metáforas, entre as quais se destacam duas em particular: a metáfora da arquitetura e a metáfora do organismo. Embora essas metáforas aparentem ser contrapostas, argumentamos que, na verdade, elas se complementam mutuamente, contribuindo conjuntamente para definir a essência da concepção kantiana de sistema arquitetônico. No que diz respeito à metáfora do organismo, enfatiza-se a ideia de relações internas e imanentes no sistema, ressaltando a importância dos fins que surgem de maneira intrínseca ao próprio sistema. Por outro lado, a metáfora do arquiteto destaca a função ativa da criação do sistema e na determinação de suas. Portanto, defendemos que ambas as metáforas, a do organismo e a do arquiteto, são propostas por Kant de maneira complementar para delinear a natureza fundamental de um sistema arquitetônico.

Palavras-chave: Sistema; Razão; Metafísica.

Mesa 4: Ética, política, economia

Filosofia e Economia em Adam Smith - Bruno Finamor Andrade de Oliveira

Na análise profunda da obra multifacetada de Adam Smith, é possível identificar uma complexa interação entre empatia e auto-interesse, que constitui o cerne de suas teorias econômicas e éticas. Notoriamente conhecido por sua obra "A Riqueza das Nações", onde discute amplamente os mecanismos do mercado e a importância do auto-interesse como uma força motriz na economia, Smith também se aprofunda na natureza humana em sua menos discutida, mas igualmente significativa obra "A Teoria dos Sentimentos Morais". É comum encontrar interpretações que o categorizam como um defensor ferrenho do egoísmo econômico, uma perspectiva que pode ser vista como uma leitura superficial de sua doutrina. Entretanto, ao se aprofundar em seus textos, torna-se evidente que Smith via a economia e a ética como entidades interconectadas,

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

não podendo ser completamente compreendidas de forma isolada. Em seu tratado sobre moralidade, ele explora a complexidade dos sentimentos humanos e a importância da empatia no desenvolvimento das relações sociais, criando assim um panorama mais amplo sobre o comportamento humano. Esse artigo busca esclarecer que para Smith, embora o auto-interesse seja um motor vital para o crescimento econômico, é a empatia que fundamenta e modera as relações sociais, promovendo uma coesão que é vital para o funcionamento harmonioso da sociedade. Ele sugere uma simbiose onde estes aspectos, aparentemente dicotômicos, na verdade coexistem e se complementam, estabelecendo um equilíbrio que promove tanto o bem-estar individual quanto coletivo. Ao focalizar a análise na obra de Adam Smith sob essa luz, este artigo busca desconstruir visões convencionais e superficiais que muitas vezes circunscrevem Smith como um mero promotor do individualismo econômico. Ao contrário, pretende-se evidenciar que sua perspectiva é profundamente enraizada numa compreensão completa do ser humano, onde o auto-interesse e a empatia não só coexistem, mas são vistos como aspectos complementares e necessários para um ambiente social próspero e ético.

Palavras-chave: Adam Smith; Sentimentos Morais; Filosofia Econômica.

Governo representativo e governo totalitário: discrepâncias e a semelhança da opressão minoritária - Giovana de Oliveira Penha Alves

John Stuart Mill e Hannah Arendt foram dois filósofos políticos fundamentais na História da Filosofia, ambos, por meio de suas obras *Considerações sobre o Governo Representativo* (1861) e *Origens do Totalitarismo* (1951), respectivamente, apresentaram duas formas de governo contrastantes, que se diferem entre si em sua essência. tem-se o totalitarismo que se baseia no controle total e centralizado na figura de um líder e a supressão das liberdades individuais, enquanto que o governo representativo corrobora as tomadas de decisões democráticas e as liberdades individuais. No entanto, podem vir a convergir em um ponto em comum: a alienação e opressão da minoria. Este

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

artigo busca estabelecer um paralelo entre as duas formas de governo supracitadas, apontando e analisando suas diferenças e pretensa semelhança, tão como as ideologias que sustentam ambos os sistemas políticos e seus desdobramentos sociais, tendo ainda em vista os quase cem anos que separam essas duas teorias políticas.

Palavras-chave: Governo Representativo; Totalitarismo; Liberdade; Participação popular.

17

Reformulação do conceito de liberdade em Thomas Hobbes segundo Quentin Skinner - Luana Mirela Aparecida Machado

Thomas Hobbes tem um papel importante na construção histórica do conceito de liberdade. A teoria de Hobbes diz respeito ao Estado e suas formas de governar, principalmente a monarquia, a qual ele era um ferrenho defensor. Posteriormente apresenta-se Quentin Skinner reanalizando os escritos de Hobbes a partir de sua visão contextualista e demonstra o que estava por trás das obras de Thomas Hobbes e como ele mudou sua visão ao longo do tempo em relação a sua definição de liberdade e, conseqüentemente, seu posicionamento sobre a forma de governo ideal. Skinner analisa três obras de Hobbes, “Elementos da Lei Natural e Política”, “Do Cidadão” e “Leviatã” e se esforça em demonstrar a transformação do conceito de liberdade nas três obras. Para Skinner, na primeira obra Hobbes acredita que somente havia liberdade no estado de natureza, ou seja, após o pacto social o homem renunciaria a sua liberdade, o que era necessário, pois somente assim estaria protegido. Na segunda obra, Skinner observa que foi escrita de forma menos inflamada, uma vez que estaria exilado, com medo da guerra e nesse momento passa a acreditar que liberdade estaria relacionada com movimento e que só não haveria liberdade se houvesse algum tipo de impedimento, que para Hobbes se subdividia em dois: externos e arbitrários; o primeiro relacionado com impedimento físico do próprio corpo e o segundo, em relação ao medo das conseqüências dos próprios atos, onde o homem deixaria de realizar seus desejos em virtude desse impedimento.

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFPA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Posteriormente, Hobbes escreve sua terceira obra, “Leviatã” e nela, mais uma vez, altera sua concepção de liberdade, passando a defini-la simplesmente como a ausência de impedimentos externos. Hobbes abandona a concepção de impedimento arbitrário, justificando que os atos praticados pelos homens no interior de repúblicas, por medo da lei, são ações que os seus autores tem a liberdade de não praticar, ou seja, não estariam impedidos. Assim, segundo Skinner, entre a obra Elementos e Leviatã de Thomas Hobbes houve uma mudança radical no conceito de liberdade, de quando se acreditava que apenas haveria liberdade no estado natural, e depois, defendendo que a mera ausência de interferência já era condição suficiente para a liberdade. Diante disso, liberdade e Estado andariam juntos, uma vez que não há qualquer conexão necessária entre a liberdade dos cidadãos e a forma jurídica do Estado, desse modo, deixa de fazer sentido a questão sobre qual seria a forma de Estado mais afeita a liberdade, logo, conclui Skinner, que Hobbes passou então a aceitar a República como forma de governo, o que até então não se acreditava.

Palavras-chave: Liberdade; Hobbes; Skinner; Mudança; República.

Mesa 5: Norte - Sul, idas e voltas

*Relação entre natureza e humanidade em Walter Benjamin e Ailton Krenak -
Patrícia Braz de Carvalho*

Esta pesquisa se propõe pensar a relação entre natureza e humanidade a partir de alguns ensaios do filósofo Walter Benjamin (1892 - 1940), – pertencente à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica –, principalmente da leitura do fragmento A caminho do planetário, em Rua de Mão Única (1928), assim como dos ensaios Sobre o conceito de história (1940), com ênfase na Tese XI, e d’A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica (1936); em paralelo com a leitura do ensaio de Ailton Krenak, liderança indígena da região do vale do Rio Doce, em Minas Gerais, intitulado Ideias para adiar o fim do mundo (2020), – além de outras importantes contribuições do autor, como as fundamentais conversas com o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro. A proposta de buscar esse

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA *De 7 a 10 de novembro de 2023*

diálogo entre autores tão distantes – de realidades político-sociais e culturais que até mesmo se desconhecem –, em um primeiro momento, baseia-se na necessidade que ambos tiveram de pensar sobre a catástrofe iminente como consequência da dominação da natureza. Porém, paralelamente à exposição desta premissa, se buscará apresentar os possíveis caminhos que ambos pensadores divagaram no que diz respeito a superação desta dominação, ainda em curso irrequieto, desassossegado, como observamos no, ainda recente, crime ambiental decorrente do rompimento da barragem da Samarco na foz do Vale do Rio Doce, assim como das consequências da ascensão do nazifascismo na Europa na primeira metade do século XX, e que encontra suas ressonâncias no Brasil atual. Sendo assim, enfatizo a importância e utilização do verbo “divagar” nesta apresentação, pois o mesmo também é sinônimo de “sonhar”; e o sonho, por sua vez, a imagem onírica e a experiência do sonho, tem importância imprescindível para ambos pensadores no que concerne a possível reordenação do mundo e adiamento da catástrofe.

Palavras-chave: Progresso; Técnica; Humanidade; Walter Benjamin; Ailton Krenak.

Justiça transnacional no Sul Global: uma análise crítica sobre a obra da filósofa Nancy Fraser - Amanda Caroline Vieira Costa

Esta pesquisa aspira explorar as proposições de Nancy Fraser em seu artigo Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação (2005), elaborado a partir das experiências neoliberais no Norte-global, buscando superar os dilemas de seu projeto bidimensional da justiça. Seu intento é construir uma justiça tridimensional que dê conta das palpitantes políticas transnacionais. Todavia, além de interpretar os aspectos do projeto da justiça de Fraser, esta pesquisa visa verificar os reflexos de sua abordagem no que compreendemos hoje por Sul-global. Portanto, perpassa pelo exame realizado por Ferreira e Nogueira em 2017. Assim sendo, resgatam-se preliminarmente as premissas elaboradas por Fraser, que delineiam a justiça em

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

moldes bidimensionais. Como ela argumenta (1997), há dois aspectos de injustiça para serem superados, a injustiça cultural e material. Para cada qual, é possível fornecer remédios, sendo eles: reconhecimento social/cultural dos sujeitos e a redistribuição de renda. A passagem de seu projeto bidimensional para tridimensional, ocorre a partir dos diagnósticos a respeito da segunda onda feminista (2007), momento no qual as práticas políticas transnacionais são fomentadas. Esta onda surge envolta de políticas que valorizavam a diferença. Neste aspecto, contrapõe-se à primeira onda, distanciando seus ideais de uma política redistributiva. A valorização da diferença permitiu ampliar o debate sobre diferentes aspectos de opressão. De todo modo, o avanço das políticas neoliberais se apropriaram das fragilidades do debate redistributivo, conduzindo seu discurso em prol das individualidades em detrimento de políticas redistributivas. Isto ocorre em virtude do distanciamento por parte do feminismo das premissas de igualdade que fundam o socialismo. Por esta razão, Fraser propõe sua tese tridimensional, que agora soma-se a representação nas políticas transnacionais. A este respeito, pode-se considerar que estas partem do princípio de ações extra territoriais. Portanto, injustiças de gênero não podem ser dissolvidas caso não puderem ultrapassar barreiras territoriais, estas se interligam não somente em influência discursiva, mas também de ações políticas, institucionais ou não. Todavia, ainda que a teoria fraseriana contribua para o entendimento de novos dilemas políticos, é relevante demarcar que as articulações latinas podem não se reconhecer por completo nessas premissas. Em função disso, Ferreira e Nogueira (2017) elaboram uma análise a respeito do papel latino nas articulações transnacionais, mas também uma crítica ao panorama fraseriano sobre o avanço neoliberal no Norte-global. Como defendido, os efeitos do avanço neoliberal nesta região, se dá de maneira relutante em relação à experiência anunciada por Fraser. A experiência sul-global revela uma longa história de luta contra os regimes imperialistas. Por conseguinte, demonstra as intersecções territoriais, que nesse caso, reconhece os dilemas enfrentados por seus pares ao longo das colonizações.

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA

De 7 a 10 de novembro de 2023

Palavras-chave: Transnacional; Reconhecimento; Redistribuição; Representação; Sul-global.

Quem teme os "incompetentes"? A epistocracia dos "competentes" de Jason Brennan diante da defesa do sufrágio universal por Carlos Nelson Coutinho, Marilena Chauí e Paulo Freire - Marco Túlio Botelho Barbosa Lima

21

A presente pesquisa analisa a epistocracia dos "competentes", conceito do filósofo estadunidense Jason Brennan, e se essa forma de governo teme ou não os "incompetentes", por ser contra o sufrágio universal. O objetivo desta pesquisa é, num primeiro momento, comentar as afirmações de Brennan sobre a defesa da epistocracia e de um "eleitorado competente". Adiante, num segundo momento, mobiliza-se os filósofos brasileiros Carlos Nelson Coutinho, Marilena Chauí e Paulo Freire na tentativa de elaborar, por um exercício crítico e popular, o teor da verdade da democracia; capaz, por consequência, de revelar os perigos, ideologias e interesses por detrás dos opositores ao sufrágio universal. Através de um levantamento bibliográfico, foi comparado, de forma comentada, o texto "Contra la democracia", de Jason Brennan com livros, artigos, conferências e conteúdos audiovisuais de Carlos Nelson Coutinho, Marilena Chauí e Paulo Freire, com foco nas temáticas de democracia, ideologia da competência, cidadania e sufrágio universal. As limitações da presente pesquisa, por ainda estar em fase de desenvolvimento, estão na necessidade da leitura da trilogia completa dos textos de Jason Brennan, para obter uma visão mais detalhada e precisa da evolução de seus conceitos, trabalhando relações e comparações com as diferentes fases e autores do liberalismo e libertarianismo. Os primeiros resultados obtidos na presente pesquisa, advindos da análise conjunta do texto de Brennan com os de Coutinho, Chauí e Freire permitem afirmar que a epistocracia e o eleitorado competente de Brennan buscam, na verdade, uma organização institucional que preserve e calcifique hierarquias capitalistas e ideológicas que ainda lhe oferecem certo status de competente, por Brennan defender a exclusão da participação e representação política e

V ENCONTRO DE FILOSOFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFPA

De 7 a 10 de novembro de 2023

pública os analfabetos e os que não possuem diplomas de ensino superior. Dessa forma, concordando com Coutinho, Chauí e Freire, conclui-se que pela rejeição entre competentes e incompetentes, por essa relação ser fruto de uma hierarquia de epistemologias que desrespeitam os direitos de igualdade e participação política, além de ser necessário entender o sufrágio universal e os demais direitos como irredutíveis e obtidos historicamente através das lutas das parcelas marginalizadas.

Palavras-chave: Sufrágio universal; Sufrágio restrito; Epistocracia; Democracia; Liberalismo.